

**O ENFERMO E O MÁRTIR: IMPRENSA, HISTÓRIA E MEMÓRIA A PARTIR DAS
TRAJETÓRIAS DOS JORNALISTAS VICENTE LOYOLA E DEOLINDO BARRETO
LIMA – SOBRAL, 1907-1924**

Jorge Luiz Ferreira Lima¹

RESUMO:

Este trabalho busca desconstruir o processo de construção do imaginário em torno dos jornalistas Vicente Loyola e Deolindo Barreto Lima. Para tanto, reconstruímos suas trajetórias na imprensa tomando como fontes principais os jornais *O Rebate* e *A Lucta*. Ali pudemos verificar as posições políticas destes jornalistas, simpatizantes e defensores do ideário republicano e liberal. Tais posições defendidos no âmbito da imprensa, portanto, na esfera da opinião pública, levaram os dois jornalistas ao confronto com representantes do grupo político dominante na cidade de Sobral no início do século XX. As circunstâncias de suas mortes tiveram papel importante na construção de suas memórias, tanto que receberam tratamentos diferentes: Vicente Loyola ficou sendo lembrado como o enfermo e Deolindo Barreto como o mártir da imprensa.

PALAVRAS-CHAVE:

História, Memória, Imprensa.

ABSTRACT:

This paper seeks to deconstruct the imaginary building process around the journalists Vicente Loyola and Deolindo Barreto Lima. To do so, we reconstruct their trajectories in the press taking as main sources the newspaper *O Rebate* and *A Lucta*. Here we observed the political positions of these journalists, supporters and defenders of republican and liberal ideals. Such positions defended within the press, therefore, in the sphere of public opinion, took the two journalists to grips with representatives of the dominant political group in the Sobral city in the early twentieth century. The circumstances of their deaths played an important role in building their memories, so much that received different treatments: Vicente Loyola was being remembered as the sick and Deolindo Barreto as the martyr of the press.

KEYWORDS:

History, memory, Press.

Uma rua no Campo dos Velhos

Quando percorre a cidade, cruzando ruas e visualizando nomes em placas nas esquinas, o historiador encontra velhos nomes conhecidos. Homenageados, entronizados no restrito domínio da memória oficial, sujeitos históricos ali se acham representados pelo emprego de seus respectivos nomes agora transformados em toponímias. Mal sabem os demais passantes das vicissitudes encontradas pelo historiador na trajetória dos donos

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor da rede pública do Estado do Ceará e bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP. Email: jorgeluzflima@bol.com.br.

daqueles nomes. Sem dúvida, seu olhar sobre a cidade, seu caminhar pelas ruas, sua experiência enquanto habitante e usuário do espaço urbano não se fazem sem certo cotejo com os indícios levantados na pesquisa, especialmente quando esta tem como ponto central a trajetória de sujeitos individuais.

Uma visada sobre o cartograma da cidade de Sobral revela um dado bastante interessante e revelador das inúmeras tensões envolvidas no processo de constituição de lugares de memória. Referimo-nos à Rua Jornalista Vicente Loyola, localizada no bairro Alto da Expectativa, outrora chamado de “Campo dos Velhos”. Antes, uma breve e necessária digressão para que tenhamos a devida ciência a respeito de quem foi Vicente Loyola.

Nascido em 1873, na fazenda Tamanduá, termo de Sobral², Vicente Loyola teve vida escolar breve. Em 1895, com vinte e dois anos, transferiu-se para Sobral onde conseguiu emprego na casa comercial de José Figueira de Saboia e Silva. Seguindo caminho trilhado por muitos de seus contemporâneos, Vicente entrou para o mundo comercial trabalhando como caixeiro. Alfabetizado, mostrou-se sensível àquela ambiência da casa comercial, onde a presença de impressos se fazia sentir de modo particular por meio dos livros que chegavam para o estoque e dos jornais nacionais e estrangeiros assinados pelo proprietário, afinal, a atividade comercial impunha a seus protagonistas a necessidade imperiosa de manterem-se constantemente bem informados, especialmente num momento em que o comércio internacional crescia vertiginosamente com a expansão da política econômica imperialista capitaneada pelas potências mundiais, especialmente a Inglaterra. (*Correio da Semana*, 22/06/2014³).

O comércio exigia de seus praticantes a leitura. Vicente, já contagiado pelo paixão pelos textos, passou a alimentar o desejo de escrever, de ir além dos versos brejeiros típicos da juventude e adentrar o instigante mundo do jornalismo, para o qual foi cooptado pelo jovem bacharel Álvaro Otoni, fundador do jornal *A Cidade*, no qual contava com a colaboração de intelectuais de peso como João Barbosa de Paula Pessoa e seu irmão Thomaz Barbosa, Vicente de Paiva e o advogado José Mendes Pereira Vasconcelos. Era o ano de 1901 e Álvaro Otoni acabara de romper com o grupo político de oposição e aderir ao partido de Antônio Pinto Nogueira Acioli, atitude recusada por Vicente e que valeu ao bacharel a perda de seus melhores colaboradores. O jornal *A Cidade* caminhava para seu fim. (*O Rebate*, 12/06/1915, p. 1).

Vicente Loyola resolveu acompanhar aquele grupo experiente formado por João

² Atual cidade de Forquilha/CE, localizada a cerca de 180 km de Fortaleza.

³ Consultada a versão on line desta edição no site www.correiodasemana.com.

Barbosa, Thomaz Barbosa e José Mendes P. de Vasconcelos e foi aguardar a chegada de Waldemiro Cavalcante, ferrenho adversário da política oligárquica de Acioli na região norte do Ceará. Sob a liderança deste, Vicente foi trabalhar na gerência do jornalzinho político *Itacolomy*, ao lado de Alexis Barbosa Morin, Padre Fortunato Alves Linhares e João Barbosa. Sentindo a insuficiência dos esforços envidados até ali, Waldemiro Cavalcante anunciou ao grupo sua intenção de transferir-se para Fortaleza a fim de reforçar a luta contra Acioli na capital. Mal partiu Waldomiro, o grupo que mantinha o *Itacolomy* se desfez com mais da metade passando para o lado de Acioli. Vicente, Alexis Barbosa Morin, Padre Fortunato Alves e João Barbosa estiveram entre os poucos que decidiram-se por manter a fidelidade à luta contra a política oligárquica. É neste momento que Vicente situa sua entrada para a política. (*O Rebate*, idem).

Um parêntese se faz necessário para destacar a concepção que Vicente Loyola tinha de política. Como jovem esclarecido pela leitura dos principais pensadores políticos de seu tempo, especialmente a filosofia liberal, entende ele que a política constituía uma prática para a qual eram indispensáveis os princípios norteadores. Para ele, a política não se faria sem uma profunda coerência entre os atos e as palavras, as ações e as ideias, estas muitas vezes tornadas públicas pelas páginas da imprensa.

Pensando a política local como um braço da política nacional, Vicente tinha uma visão pessimista em relação às oligarquias, considerando nefasta a sua ação junto aos governos republicanos que se sucediam no Brasil desde 1889. Para ele, aquilo que se via na nação brasileira não podia ser qualificado como república, pois os interesses do povo eram constantemente negligenciados em prol da mesquinhez dos grandes oligarcas, distribuidores de favores e proteção a seus grupos de favorecidos.

Neste sentido, tanto Vicente Loyola quanto seu camarada João Barbosa de Paula Pessoa constantemente referiam-se à monarquia com certo saudosismo, bendizendo o governo benemérito de D. Pedro II e maldizendo a corrupção verificada nos governos republicanos. Sem ser monarquista, Vicente reconhecia na monarquia brasileira um momento em que o Brasil esteve em melhor situação se comparado ao seu presente, quando as oligarquias dominavam a política nacional, gerando um desvio, uma deturpação do ideal republicano.

Enfim, para Vicente o fazer política ia muito além da militância partidária propriamente dita ou da ocupação de um cargo público eletivo. Redigir e publicar um jornal independente de partidos, cujo programa de fundação contemplava a defesa intransigente dos interesses da maioria da população, combatendo a política oligárquica, para ele era uma forma

– talvez a mais eficaz – de fazer política⁴.

A trajetória do jornalista Vicente Loyola revela o quanto imprensa, leitura, escrita, práticas e ideias políticas se achavam imbricadas naquele início do século XX. Em meio a um cenário onde o regime republicano implantado no país mostrava-se tristemente distanciado dos ideais clássicos de democracia e republicanism, Vicente e seu grupo empenhavam-se para, por meio da publicação de seu pensamento materializado na palavra impressa, combater uma política oligárquica consolidada a nível nacional. Temos, pois, um jornalista empenhado na imprensa partidária, opositorista convicto e, futuramente, defensor da política das Salvações e crítico ferrenho da política dos governadores.

Após a virada do grupo que mantinha o *Itacolomy*, este, por determinação de José Acioli – filho do presidente Antônio Pinto Nogueira Acioli – passou a se chamar *Correio de Sobral*, tornando-se órgão do Partido Republicano Conservador na cidade. Vicente acompanhou João Barbosa e Padre Fortunato Alves e formaram um novo grupo de oposição, uma facção saída da oposição tradicional de Sobral, há muito comandada pelas famílias Paula, Rodrigues e Frota. Percebemos aí a posição da cidade de Sobral e seus grupos políticos como uma espécie de satélite de Fortaleza, onde estavam os líderes da política estadual, tanto situacionistas quanto opositoristas. Em Sobral, Vicente e demais amigos buscaram a continuidade da militância inaugurada por Waldemiro Cavalcante, a quem invocarão constantemente.

Mas a militância política de Vicente Loyola veio a consolidar-se após a fundação de seu jornal *O Rebate*, em 1907, quando, de posse de uma tipografia, iniciou sua trajetória na imprensa agora na condição de jornalista profissional, vivendo de seu jornal e da renda auferida pelos trabalhos de sua tipografia. Vicente tornou-se um empresário do ramo gráfico e jornalístico. Além de escrever os artigos de fundo, gerenciava o jornal e comandava a tipografia, tendo empregado razoável quantia de dinheiro acumulada, possivelmente, ao longo de anos de trabalho no comércio⁵.

A circulação do jornal *O Rebate* só veio a ser definitivamente suspensa após a morte

⁴ Vicente chegou a ser eleito deputado estadual em 1912, mas nada pudemos conhecer de sua atuação no legislativo cearense.

⁵ Sabemos que Vicente não permaneceu como mero empregado do comércio durante estes mais de dez anos. Em 1895, foi empregado na casa comercial de José Figueira de Saboia e Silva, mas, em 1899, já anunciava no jornal *A Cidade* a sua “modesta loja de fazendas” onde vendia tecidos, chapéus, doces caseiros, feijão, carne, arroz, milho para plantar, biscoitos, açúcar, etc. De empregado, passara já à condição de proprietário de pequeno estabelecimento comercial. Café de Boa Qualidade!. *A Cidade*, Sobral, 08 mar. 1899, p. 4. Para Francisco Gomes de Vasconcelos Júnior, antigo desafeto político de Vicente Loyola, a aquisição da tipografia para confecção d'*O Rebate* foi possível graças a um empréstimo no valor de Rs 7:000\$000 (sete contos de réis) obtido do comerciante Ernesto Espiridão Saboia de Albuquerque. Ainda segundos Francisco Gomes, Vicente nunca teria saldado esta dívida. *Pátria*, Sobral, 20 nov. 1911, p. 3.

de Vicente Loyola em 1919. Durante os doze anos de trajetória, houve momentos em que o intervalo entre as edições foi bastante dilatado em consequência das perseguições políticas – logo após a queda de Franco Rabelo, em 1914 – e pelo progressivo agravamento do estado de saúde de Vicente, acometido de ataxia locomotora, doença que lhe trazia sintomas dolorosos como as atrozes dores nas pernas que o mantinham acamado por vários dias, momentos em que o jornal era suspenso pela falta de seu redator principal.

Vicente inaugurou em Sobral a era do jornal semanal escrito no melhor estilo panfletário, do jornalismo em processo de profissionalização e, principalmente, do jornal dotado de viés empresarial, onde atividade jornalística e tipográfica encontravam-se reunidas num único empreendimento. Campo da imprensa e mercado gráfico cresciam naquelas duas primeiras décadas do século XX, numa cidade em transformação, acossada pelo crescimento e consolidação da capital Fortaleza, voltada economicamente para praças diversas e distantes como São Luís/MA, Belém/PA e Manaus/AM.

Outros jornais semanais surgiram e tiveram um período de circulação considerado extenso para o período. *O Rebate* disputou espaço e a preferência dos leitores com os jornais partidários mantidos pelos representantes locais da política oligárquica de Acioli. *A Tribuna*, *Pátria*, *A Epocha*, e *A Ordem* foram os órgãos do Partido Republicano Conservador em Sobral que tentaram fazer-lhe frente. Obstinado e ancorado no grupo político de oposição, Vicente Loyola conseguiu manter *O Rebate* em circulação, não sem experimentar grandes dificuldades econômicas provocados pelo não pagamento das assinaturas por considerável número de assinantes.

O avanço de sua enfermidade culminou com sua morte no dia 2 de novembro de 1919. Vicente passou para os domínios da memória. Como herança, deixou unicamente sua tipografia, dada a inventário e levada a hasta pública em março de 1920, sendo arrematada por Rs 2:300\$000 (dois contos e trezentos mil réis), numa manobra do judiciário local – comandado por um de seus maiores adversários políticos, o juiz José Saboia de Albuquerque – a fim de garantir o definitivo encerramento da circulação d'*O Rebate* e, ao mesmo tempo, evitando que a referida tipografia fosse transferida ao grupo de oposição local⁶.

Ao mesmo tempo, o jornal *A Ordem* publicou a seguinte nota:

Victima de antigos padecimentos falleceu, á tarde de domingo ultimo, nesta cidade, o Snr V. Loyola, tendo sido improficuo todo o emprego da sciencia em salvar-o. Dedicara uma longa existencia ao labor do jornalismo desta terra e era o redactor e proprietario d' 'O Rebate', semanario que ia no seu decimo terceiro anno de

⁶ O inventário de Vicente Loyola, consultado no Núcleo de Práticas e Documentação Histórica – NEDHIS/CCH/UVA – revela o esforço do juiz no sentido de anular o perigo representado pela tipografia d'*O Rebate* caso viesse a cair em mãos de rabelistas.

existencia.

O seu enterramento teve lugar na manha seguinte.

Enviamos os nossos pesames à sua numerosa familia.” (A Ordem, 07/11/1919, p. 4.)

A nota representa um esboço do discurso que se construirá pelo grupo de adversários de Vicente Loyola com o objetivo de construir-lhe uma memória baseada na figura do doente, do homem cuja vida nada teve de notável, a não ser sua perseverança no “labor do jornalismo”, deixando de mencionar o tipo de jornalismo feito por Vicente, silenciando sua militância e suas convicções políticas. Parece estar a referida nota preparando o terreno do esquecimento reservado a Vicente, cuja morte sacramentou o encerramento de sua escrita. Constrói-se uma imagem de um homem inofensivo, infeliz em sua doença, incapaz de afetar seus adversários. Um discurso que buscará anular a trajetória de Vicente, minimizando seus escritos e o alcance de seu jornal.

Embora o esquecimento seja, como escreveu Menezes (1992, p. 18), seja indispensável à constituição da memória humana, existem casos em que este esquecimento foi arbitrariamente produzido, resultando da intencionalidade de sujeitos interessados em obscurecer uma trajetória encerrada há pouco pela morte. À História cabe desconstruir tais esquecimentos, ajudando a memória a “retificar os seus erros”. (LE GOFF, 2003, p. 29).

Pensando o ato de atribuir nomes aos logradouros urbanos como a constituição de uma espécie de panteão memorialístico, desperta inquietação o fato de o nome de Vicente Loyola ter sido atribuído a uma rua localizada num bairro relativamente afastado da área central da cidade. A questão adensa-se ainda mais quando verificamos que outro jornalista polêmico – Deolindo Barreto Lima – teve seu nome inserido numa rua central, uma das principais artérias da cidade, cortando o centro no sentido norte-sul em toda a sua extensão. Surge a pergunta: por que razão Deolindo Barreto Lima foi incluído naquilo que enxergamos aqui como um panteão urbano memorialístico, ao passo que Vicente Loyola foi alijado? Faz-se necessária, pois, nova digressão para que conheçamos, ainda que de forma sucinta, a trajetória de Deolindo Barreto Lima, ao fim da qual poderemos fazer a inevitável comparação.

Deolindo Barreto Lima: tipógrafo, jornalista e mártir da imprensa sobralense

Deolindo Barreto assumiu papel de protagonismo na imprensa sobralense em 1914. Pouco antes chegara com a família de Belém/PA, onde trabalhou como tipógrafo nas oficinas do jornal *A Província do Pará*, órgão que fazia a defesa da oligarquia Lemos, combatida de maneira ferrenha pelo grupo organizado em torno da figura de Lauro Sodré. Um dos lances mais cruciantes desta batalha política – o incêndio da sede d'*A Província do Pará* em 1912 –

atingiu diretamente o jovem Deolindo. Desempregado, partiu para Sobral trazendo consigo um amontoado de artefatos tipográficos com os quais montou seu estabelecimento gráfico. (BRASIL, 1990, p. 39).

A título de ensaio antes de sua entrada definitiva na arena da imprensa sobralense, Deolindo publicou o jornalzinho *Mão Negra*. A escrita virulenta valeu-lhe uma breve passagem pela cadeia e sérias advertências e ameaças da autoridade policial, tutelada por políticos poderosos incomodados com a publicação e temerosos de que Deolindo viesse a juntar-se a Vicente Loyola, pois este já lhes causava sérios incômodos com seu jornal *O Rebate*, a esta altura já devidamente consolidado junto ao público leitor da região norte do Ceará.

Deolindo, por sua vez, pretendia ter seu próprio jornal, o qual usaria como uma espécie de tribuna de onde poderia livremente expressar sua opinião e tomar a defesa do povo, entendendo nesta categoria aquele grupo majoritário dos desassistidos pela política dominante. Assim, em maio de 1914 Deolindo fez circular seu jornal *A Lucta*, assumindo posição muito similar àquela já ocupada pel'*O Rebate*, de quem nunca se fez concorrente. A imprensa sobralense consolidava-se em torno dos jornais semanais de natureza política. A parte noticiosa ocupava espaço relativamente pequeno em relação aos textos políticos, principal chamariz para os leitores. A literatura se fazia presente na forma de textos enviados por colaboradores ou transcritos de outras publicações, mas não chegava a ofuscar o destaque dado à política.

A trajetória d'*A Lucta* coincide com o início do lento declínio que atingiu *O Rebate* em consequência do agravamento da enfermidade de Vicente Loyola. Ao longo dos anos de 1915, 1916 e 1917, *A Lucta* consolida-se, enquanto *O Rebate* teve interrupções em sua circulação pelo motivo já citado. Neste sentido, não seria exagerado considerar que Deolindo caminhava, de certa maneira, na direção de se tornar uma espécie de sucessor de Vicente Loyola no posto de jornalista crítico liberal em Sobral. Mas os caminhos da história mostraram-se mais tortuosos.

Após a morte de Vicente Loyola, Deolindo Barreto experimentou período de grande consolidação de seu jornal, a ponto de, a partir de 1º de janeiro de 1920, o mesmo passar a circular em duas edições por semana, suplantando os concorrentes *A Ordem*, órgão do Partido Republicano Conservador, e *Correio da Semana*, jornal da Diocese de Sobral, fundado pelo bispo D. José Tupinambá da Frota em 1918. Embora pudesse contar com a preferência do público leitor, Deolindo angariou farto cabedal de inimizades e ódios motivados por sua escrita polêmica e as denúncias que fazia publicar.

Imprensa e pensamento liberal democrata foram o canto da sereia que atraíram Deolindo Barreto para a morte. Numa cidade sertaneja dividida entre uma aristocracia reacionária, proprietária de terras e de enormes fortunas monetárias, detentora de prerrogativas de mando e de privilégios sociais, e uma camada intermediária, pretensamente esclarecida, mas inexpressiva politicamente, os ideais defendidos por Deolindo Barreto e Vicente Loyola serviram para colocá-los em rota de colisão com figuras muito poderosas.

Deolindo acabou assassinado em 1924, aos quarenta anos de idade. Seus algozes foram ao seu encontro no interior da Câmara Municipal num dia de eleição e ali o atacaram a tiros. Agonizante, faleceu três dias depois. (*A Lucta*, 28/06/1924). Rapidamente, dispararam-se os gatilhos e os trabalhos da memória iniciam-se em ritmo frenético. Saiu uma edição especial d'*A Lucta*, em sua maior parte dedicada à narração do atentado contra o jornalista e dos instantes de sua agonia até culminar no momento da morte⁷. Estava iniciado o trabalho de construção de um discurso martirológico em torno de Deolindo Barreto, convertendo-o no personagem de um episódio que fazia lembrar um passado não muito distante, quando o sertão cearense se fez notável na imprensa dos grandes centros urbanos do país à custa dos inúmeros episódios de violência, a maioria motivados por desavenças políticas. (MACEDO, 1980).

No vale do Acaraú e serra da Ibiapaba as batalhas entres os clãs famílias dos Mourões e dos Melo foram compiladas por escritores e receberam um tratamento digno de verdadeiras lendas⁸. As vendetas sucediam-se numa sequência interminável de assassinatos que deixaram rubras manchas na memória do interior cearense. O assassinato de Deolindo Barreto Lima, uma espécie de vingança contra a sua ousadia em afrontar um grupo poderoso em Sobral estaria reacendendo aquela chama da violência que acreditavam estar extinta, suplantada por valores civilizados e modos de conduta mais condizentes com o ideal moderno?

Ora, o assassinato de Deolindo Barreto nos parece emblemático sob vários aspectos. Um deles, a que já nos referimos, diz respeito à construção de sua memória, ou seja, a partir de sua morte são iniciados os trabalhos da memória – narrativas referentes à sua trajetória de jornalista e tipógrafo, pai de família e amigo leal, ao momento do seu assassinato onde fica

⁷ Salvo alguns anúncios e uma nota de falecimento de Maria L. Andrade Carneiro, esta última edição d'*A Lucta* teve suas páginas cobertas por textos relativos à morte de seu diretor e proprietário, incluindo vários telegramas enviados por seus amigos e simpatizantes e um artigo em sua homenagem publicado pelo farmacêutico Atualpa Barbosa no *Diário do Ceará*, edição de 21 de junho de 1924. *A Lucta*, Sobral, 28 jun. 1924.

⁸ Entre outros, destaco o trabalho de Nertan Macedo, com o livro *O Bacamarte dos Mourões*, onde narra as incríveis façanhas violentas de Alexandre da Silva Mourão em sua obstinada sede de vingança contra Vicente Lopes (Vicente da Caminhadeira), detendo-se ainda na tentativa de rebelião contra o Padre Alencar, em Sobral, e no ataque à cadeia do Ipu, perpetrado por Alexandre Mourão, José de Barros e mais um bando de cabras, episódio que culminou com o assassinato do delegado Manoel Ribeiro Melo, primo de Alexandre.

evidente a covardia de seus algozes, a agonia, as últimas palavras e a morte. Mas também evidencia o conflito, especialmente verificado no interior dos estreitos limites de uma elite social numa cidade sertaneja bafejada por ventos de civilização, modernidade, progresso e letramento.

Os acusados pela morte de Deolindo Barreto eram membros deste grupo restrito e confiavam na infalível proteção por parte dos líderes de seu grupo político, especialmente do chefe do judiciário local, o juiz Dr. José Saboia de Albuquerque. (*A Lucta*, idem). O mecanismo protecionista, uma vez posto em funcionamento, garantiu a esperada impunidade, para indignação da viúva, filhos e amigos de Deolindo, reforçando ainda mais a construção daquela memória martirológica.

No entanto, letramento e contato com os valores ditos civilizados já não eram privilégios daquele pequeno círculo formado em torno do juiz e do bispo. Pensar e desejar uma cidade civilizada e progressista não era mais uma prerrogativa exclusiva dos pequenos círculos letrados formados pelos bacharéis, doutores e clérigos. Comerciantes e jornalistas, artistas e professores despontavam como leitores e, portanto, também capazes de projetar um perfil para a cidade, e tal perfil mostrava-se mais voltada para a civilização dos costumes, moderação dos comportamentos, combate às práticas indesejadas e aos comportamentos indesejáveis. No que tange à política, conceitos como democracia e república, pátria e nação passaram a ser entendidos como algo a se atingir, pois o que se via na prática eram desvios e grosseiras deturpações destes ideais.

Neste sentido, o recurso à violência, especialmente quando motivado por tensões políticas, era particularmente condenável. Matar, derramar sangue, ferir e abater o corpo do adversário não era condizente com o ideário moderno⁹. Para calá-lo, seria preferível embargar a leitura de seu jornal, manobra tentada pelo bispo D. José Tupinambá da Frota em 1922 ao publicar Decreto Pastoral advertindo aos fiéis de que, dali por diante, a leitura e assinatura d'*A Lucta* passaria a ser considerado pecado mortal. (COSTA, 1996, p. 281).

A tentativa de inviabilizar o jornal não surtiu efeito e o número de suas assinaturas aumentaram, demonstrando o quanto o pensamento reacionário defendido pelo clero e o conservadorismo político defendido pelo juiz e seus familiares estavam longe de constituir uma unanimidade entre o público leitor de Sobral. Na verdade, o ideal político defendido por Deolindo Barreto e Vicente Loyola parece, aos olhos deste público, mais condizente com um

⁹ É importante pensar que modernidade era esta. Quando se fala de ideário moderno, está-se mergulhando num mundo de profunda contradições, o que está na essência mesma da modernidade. Modificações dos hábitos, liberalizações, conquistas, vinham acompanhadas de destruição, dissipações, etc. como assinala BERMAN (1986, p. 15). No entanto, não era esta a visão que parte do público leitor de Sobral tinha no início do século XX.

projeto de uma cidade e uma sociedade moderna e civilizada, onde antigas práticas como a violência, a formação de oligarquias, as fraudes eleitorais e a impunidade não teriam lugar.

O aumento das assinaturas d'*A Lucta* após a proibição de sua leitura pelo bispo diocesano sinaliza que o público leitor sobralense não mais se mostrava disposto a retroceder em sua marcha rumo à construção de uma sociedade moderna e civilizada. Moderar os costumes evitando a violência e esclarecer o espírito por meio do acesso à leitura sem restrições eram prerrogativas das quais os leitores de uma cidade florescente como Sobral não podiam abrir mão¹⁰. Evidencia ainda o fato de que a influência espiritual do clero já estava irremediavelmente minada.

Neste sentido, a preferência pelo ideário moderno não se acha necessariamente associada ao letramento. As duas figuras mais eminentes do grupo que combateu Deolindo eram o juiz da comarca, Dr. José Saboia – bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Recife – e o bispo D. José Tupinambá da Frota – doutor em Teologia pelo Colégio Pio Latino Americano, em Roma. Letramento e reacionarismo acham-se aí perigosamente associados no combate a um jornalista cujo discurso mostrava-se ameaçadoramente liberal e progressista, discurso este assimilado e consumido por parte significativa do público leitor da cidade e de toda zona em seu entorno, evidenciando que a leitura e a publicação de periódicos já não constituía mais uma prerrogativa de bacharéis e doutores.

Tal fato nos leva à constatação de que o público leitor de Sobral naquele momento já se mostrava relativamente amplo e heterogêneo, refletindo um pouco da variedade de leituras ofertadas a este público por estabelecimentos como a Biblioteca Pública, local onde os sobralenses iam “saborèar a leitura das revistas e jornaes espiritas, socialistas, criticos, politicos, religiosos e anarchistas beber as doutrinas de Haeckel, Santo Agostinho ou Smiles...”, conforme escreveu Craveiro Filho em artigo onde procurou enfatizar o caráter civilizado da cidade de Sobral em seu jornal *Nortista* (30/11/1913).

Para homens como Craveiro Filho, um letrado, professor e jornalista aparelhado mentalmente para enxergar indícios de civilização na cidade de Sobral do início do século XX, a resolução dos conflitos políticos pelo recurso à violência não era uma prática condizente com o ideal de sociedade desejado para aquela urbe. Neste sentido, entendemos que os trabalhos da memória em torno de Deolindo Barreto tomaram o rumo da construção de uma memória martirológica muito em função das circunstâncias de sua morte, contribuindo para ofuscar a pálida figura de Vicente Loyola, cuja trajetória de lutas e dissabores culminou com uma morte onde o elemento surpresa inexistiu em face da enfermidade prolongada.

¹⁰ A noção de “civilização” aqui empregado devemos a Norbert Elias (1994).

Em suma, embora tenham defendido as mesmas ideias e angariado praticamente as mesmas inimizades, Vicente Loyola e Deolindo Barreto diferenciam-se pelas circunstâncias de suas respectivas morte, entendendo a morte como o momento inaugurador dos trabalhos da memória. À morte de Vicente faltou o elemento espetacular, o que não se pode dizer no caso de Deolindo.

Assim sendo, ambos entram para os domínios da memória de forma diferente. Foi preciso mais de uma década para que fossem invocados, agora colocados em condições de igualdade, alinhados pelo que tiveram em comum: a atuação na imprensa. O legado da militância jornalística produziu frutos: Vicente e Deolindo tiveram seguidores. Referimo-nos a José Cordeiro de Andrade e Abdias Lima, jovens sobralenses que, em 1931, fundaram o jornal *O Debate*, onde a influência de Vicente Loyola e Deolindo Barreto aparece em constantes menções nos artigos, dando continuidade aos trabalhos da memória.

O que se percebe naquele início da década de 1930 é que o efeito do caráter espetacular da morte de Deolindo havia passado. Agora, era colocado ao lado de Vicente Loyola como um grande vulto inspirador, um modelo para as novas gerações de jornalistas. Elevados a uma condição não mais martirológica, mas mitológica, Deolindo e Vicente funcionam como uma espécie de oráculo, fornecendo a devida inspiração para a imprensa de oposição em Sobral.

José Cordeiro de Andrade seguiu à risca os passos de seus ídolos e muito cedo se viu perseguido. O motivo: a publicação de um artigo n'*O Debate* enviado por um colaborador – Amadeu Machado – onde este tecia fortes críticas a Vilebaldo Aguiar, um político pálido protegido pelo juiz da Comarca de Sobral, Dr. José Saboia, que aceitou aceitar a representação contra Cordeiro, que foi intimado a comparecer em juízo e apresentar os originais do artigo escrito por Amadeu. (*O Debate*, 27/02/1932, p. 1)

A situação de Cordeiro de Andrade complicou-se quando este compareceu perante o juiz sem trazer os requeridos originais, alegando tê-los extraviado por tratar-se de matéria sem importância, numa atitude de evidente provocação. Enquanto isso, o jornal redigido com a ajuda de Abdias Lima e Aragão e Albuquerque continuava desferindo suas críticas, desta vez contra o delegado, que não hesitou em chamar Cordeiro de Andrade à delegacia para a já esperada intimidação e ameaça. Pouco depois, a mesma autoridade proibiu, com anuência do juiz, o jornal de fazer qualquer menção a Vilebaldo Aguiar, estabelecendo uma censura. (*O Debate*, 23/04/1932, p. 4)

José Saboia, por sua vez, depois de acolher a queixa crime apresentada por Vilebaldo, ouviu testemunhas e emitiu sentença condenando Cordeiro de Andrade à pena de quatro

meses e vinte dias de prisão simples. (*O Debate*, 19/07/1932, p. 4). Diante de tal conjuntura, o jovem jornalista não viu outra alternativa a não ser a fuga. (MARTINS, 1982, p. 117).

Em meio ao clima de tensão resultante do conflito entre o diretor do jornal e a maior autoridade judiciária de Sobral, pululam as referências à memória de Deolindo Barreto e Vicente Loyola. Não poderia ter havido momento mais oportuno para associar a figura de Cordeiro de Andrade à de seus ídolos. A perseguição sofrida o tornava semelhante aos dois jornalistas falecidos, o aproximava daqueles ícones da imprensa de oposição, cujas trajetórias e discursos ainda mostravam-se vivos na memória local.

Na edição de 18 de junho de 1932, data em que a morte de Deolindo Barreto completava oito anos, Aragão e Albuquerque publicou o artigo de honra d'*O Debate* invocando a memória do jornalista. Ali, pode-se perceber o quanto aquela memória martirológica a que já nos referimos encontrava-se consolidada, ao mesmo tempo em que deixa transparecer a clara consciência de que o caráter político da morte de Deolindo não havia sido esquecido: “como Tibério caiu sob as lousas do Capitolio, caiste tú sob o tecto de uma Camara!” (*O Debate*, 18/06/1932, p. 1).

A memória do jornalista assassinado mostra-se ainda muito forte, servindo de esteio à trajetória daqueles que, como Aragão e Albuquerque, reivindicam o estatuto de continuadores de sua missão. Diante do exemplo de Deolindo, os jovens jornalistas podiam considerar-se prevenidos dos riscos inerentes ao exercício de ofício jornalísticos em Sobral. Enveredar por tal caminho do jornalismo independente exigia a disposição para sofrer as perseguições que certamente viriam e, quem sabe, até mesmo pagar com a vida por tal ousadia, como escreveu Aragão e Albuquerque no mesmo artigo.

*Como tú, estamos hoje, aqui, de pé e de frente erguida para a defesa de tua memória e pela honra e dignidade de nosso povo!
Quem sabe se não viremos ter a tua mesma sorte! O Destino é tão cruel!...
Cumpriste o teu dever, cumprimos o nosso, embora nos custe inauditos sacrifícios.*
(*O Debate*, idem).

Em face da inevitável derrota no tribunal, a estratégia dos redatores d'*O Debate* consistiu em recorrer às memórias de Vicente Loyola e Deolindo Barreto, procurando associar-se a estes dois ícones. Tendo a prisão de Cordeiro de Andrade como fato iminente, Abdias Lima publicou, ao lado do artigo de Aragão e Albuquerque, um belo texto onde invoca a memória dos dois jornalistas e a eles associa o diretor d'*O Debate*, igualmente vítima da prepotência de certo grupo de poderosos da cidade. Apesar de um pouco extensa, vale a transcrição:

OS ASTROS

Ao amigo Cordeiro de Andrade

*Temis, com os olhos vendados, não contempla a consumação da grande miséria.
O Consulado bernardesco, se banqueteia. Lá fóra, sob o sól que tudo doira, ouve-se
as harmonias plangentes da musica de Offenbach.*

*O som funereo denuncia a morte da Justiça, do Direito e da Liberdade. E um
apostolo glorificado pelas ovações das massas, ha de marchar para o carcere.*

A estrada é alva, da brancura divinal dos lirios.

*Em meio do caminho, se erguerá um espectro de homem, clamando,
anatematizando os vendilhões das liberdades publicas. É o espírito de Vicente
Loiola.*

*A multidão, religiosamente, tem que curvar-se, ante o Lutador que, um dia,
miseravelmente foi levado, num catre, a barra dos nossos tribunais.*

*Prosseguirá, depois. Adiante se erguerá, outro espectro. Quem é? Deolindo Barreto
Lima, uma gloria rediviva. E a mocidade, entoará, aí, um hino de fé, numa
glorificação estonteante ao Idolo.*

*Vicente Loiola foi a estrela de fogo que rasgou um novo caminho aos israelitas da
Imprensa.*

Deolindo Barreto harmonizou esta trilha luminosa, com clarinadas de fé.

*E Cordeiro de Andrade, na sua passagem, vai recamá-la de estrelas. (O Debate, id.
Ibidem.)*

O texto constrói uma imagem dramática e, ao mesmo tempo, em tanto grandiloquente. Cordeiro de Andrade, em sua marcha para a prisão, recebe o apoio popular, a “ovação das massas”, numa demonstração de que a imprensa de oposição continuava a gozar de grande aceitação junto ao público leitor de Sobral avesso às práticas de uma política envelhecida junto com a recém-falecida República Velha. Tais leitores desejavam uma prática política limpa, norteadada por princípios liberais, modernos, onde os conceitos de independência e democracia tivessem plena aplicação. Apesar disso, os dominadores mostram-se indiferentes, banqueteando-se enquanto o jornalista marcha para o cárcere.

O público curva-se reverente quando entra em cena o espectro de Deolindo Barreto, ou seja, a invocação de sua memória por meio do artifício retórico de uma figura semimaterial visa aproximá-lo de Cordeiro de Andrade, como que para recebê-lo no restrito círculo dos heróis da imprensa sobralense, no rol dos perseguidos, o que o faz merecedor do respeito e admiração daquele mesmo público que se curva ante a figura espectral do ídolo. Compartilham ambos os jornalistas a experiência de terem sido levados ao tribunal por conta do exercício coerente e corajoso de seu ofício na imprensa.

A narrativa prossegue até seu auge, o momento em que ergue-se, interrompendo a triunfal marcha do derrotado jornalista Cordeiro de Andrade, o espectro de Deolindo Barreto Lima, recebido pelo público que a tudo presencia com uma “glorificação estoante ao Ídolo”. Invocados para receber do público manifestações de glória, a presença dos dois jornalistas mortos coroa breve – mas intensa – trajetória de Cordeiro de Andrade que, por seu sofrimento, conquista o direito de ingressar nesta espécie de trindade gloriosa no panteão da imprensa

sobralense.

Percebamos o esforço no sentido de invocar a memória para mistificar uma experiência política, um conflito de natureza política e social. Um uso da memória a fim de construir a figura de um jovem jornalista cuja primeira incursão no mundo do jornalismo experimentava o fracasso ante a ação de forças estruturais a muito estabelecidas. Por mais gloriosa que pudesse ser a marcha para o cárcere, acompanhado do dois baluartes da memória da imprensa local, Cordeiro de Andrade preferiu retirar da cidade e tentar a sorte em outras praças.

Conclusão

Daquele momento até o presente, quando o nome de Vicente Loyola encontra-se emprestado a uma discreta ruazinha no Campo dos Velhos, ao passo que Deolindo Barreto Lima tem seu busto assentado na pracinha ao lado da Câmara Municipal de Sobral, existe um longo caminho percorrido pela memória dos dois jornalistas, e investigá-lo constitui meta para futuros trabalhos.

Importa, por ora, constatar as tensões entre história e memória surgidas de nosso esforço de desconstrução de uma memória oficial da imprensa sobralense construída em torno do esquecimento de Vicente Loyola e da mistificação da figura de Deolindo Barreto Lima.

FONTES:

Jornais:

A Cidade, Sobral, 08/03/1899.

A Lucta, Sobral, 01/05/1914 a 28/06/1914.

Correio da Semana, 22/06/2014 (on line, disponível em: www.correiodasemana.com).

Nortista, Sobral, 13/11/1913.

O Debate, Sobral, 19/02/1931 a 13/09/1932.

O Rebate, Sobral, 20/04/1907 a 13/11/1915.

Pátria, Sobral, 20/11/1911.

Documentos cartoriais:

Inventário de Vicente Loyola, disponível para consulta no Núcleo de Práticas e Documentação História – NEDHIS – do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral/CE.

BIBLIOGRAFIA:

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRASIL, Jocelyn. *Andanças e Lembranças*. 2 ed. Belém: Edições Aleutianas, 1990.

COSTA, Lustosa da. *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*. São Paulo: Maltese, 1996.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

MACEDO, Nertan. *O bacamarte dos Mourões*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1980.

MARTINS, Francisco Magalhães. *Ídolos, heróis e amigos*. Rio de Janeiro: Fundo Editorial AAFBB, 1982.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A História, cativa da memória? *Ver. Inst. Est. Bras.* São Paulo, no 34, p. 9-24, 1992.